

Compreensão da população sobre a raiva animal no Município de Cacoal, Estado de Rondônia (RO), Brasil

Public understanding of animal rabies in the Municipality of Cacoal, State of Rondônia (RO), Brazil

Conocimiento público de la rabia animal en el Municipio de Cacoal, Estado de Rondônia (RO), Brasil

Recebido: 10/11/2025 | Revisado: 18/11/2025 | Aceitado: 19/11/2025 | Publicado: 22/11/2025

Leticia Marques Rasfaski

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9190-9193>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: leticiafrasfaski@gmail.com

Wesley Grassi Honorato

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6516-4468>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: wesleyhonorato@hotmail.com

Mateus Aparecido Clemente

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4969-1335>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: prof.clementeatividades@gmail.com

Resumo

A intensificação da interação entre seres humanos e animais ao longo do tempo tem se consolidado como uma relevante preocupação para a saúde pública, bem como para a medicina veterinária preventiva e comunitária. Considerando que a raiva é uma zoonose viral de alta relevância epidemiológica, com predileção por mamíferos, tanto domésticos quanto silvestres, caracterizando-se por um curso clínico agudo, progressivo e frequentemente letal, torna-se essencial promover a conscientização dos responsáveis por animais domésticos quanto às medidas profiláticas e aos cuidados necessários para a prevenção da enfermidade. Este estudo teve como propósito investigar a compreensão da população de Cacoal-Rondônia a respeito da raiva, buscando levantar informações sobre o conhecimento básico da população acerca da enfermidade. Foram entrevistadas 100 pessoas com faixa etária entre 18 e 57 anos, destes, todos possuíam animais em sua residência. Sobre a raiva ser uma doença grave, 100% disseram que sim, porém, 6% não vacinam seus animais. 92,7% responderam corretamente sobre todos os mamíferos serem capazes de transmitirem a raiva e 88,1% sobre o agente etiológico ser um vírus. Com esse estudo, percebeu-se que as pessoas com menor nível de escolaridade detêm menor conhecimento sobre essa zoonose.

Palavras-chave: Zoonose; Epidemiologia; Saúde Pública.

Abstract

The intensification of interaction between humans and animals over time has become a significant concern for public health, as well as for preventive and community veterinary medicine. Considering that rabies is a viral zoonosis of high epidemiological relevance, with a predilection for mammals, both domestic and wild, characterized by an acute, progressive, and often fatal clinical course, it is essential to promote awareness among those responsible for domestic animals regarding prophylactic measures and the necessary care for the prevention of the disease. This study aimed to investigate the understanding of the population of Cacoal-Rondônia regarding rabies, seeking to gather information about the population's basic knowledge about the disease. One hundred people aged between 18 and 57 years were interviewed; all of them owned animals in their homes. Regarding rabies being a serious disease, 100% said yes, however, 6% do not vaccinate their animals. 92.7% answered correctly that all mammals are capable of transmitting rabies, and 88.1% that the causative agent is a virus. This study revealed that people with lower levels of education have less knowledge about this zoonosis.

Keywords: Zoonosis; Epidemiology; Public Health.

Resumen

La intensificación de la interacción entre humanos y animales a lo largo del tiempo se ha convertido en una preocupación importante para la salud pública, así como para la medicina veterinaria preventiva y comunitaria.

Considerando que a raiva é uma zoonose viral de alta relevância epidemiológica, com predileção por mamíferos, tanto domésticos como silvestres, e que se caracteriza por um curso clínico agudo, progressivo e a menudo mortal, é fundamental conscientizar a los responsables de animales domésticos sobre las medidas profilácticas y los cuidados necesarios para la prevención de la enfermedad. Este estudio tuvo como objetivo investigar el conocimiento de la población de Cacoal-Rondônia sobre la rabia, buscando recopilar información sobre los conocimientos básicos de la población. Se entrevistó a cien personas de entre 18 y 57 años; todas ellas tenían animales en sus hogares. Respecto a la rabia como una enfermedad grave, el 100% respondió afirmativamente; sin embargo, el 6% no vacuna a sus animales. El 92,7% respondió correctamente que todos los mamíferos son capaces de transmitir la rabia y el 88,1% que el agente causal es un virus. Este estudio reveló que las personas con menor nivel educativo tienen menos conocimientos sobre esta zoonosis.

Palabras clave: Zoonosis; Epidemiología; Salud Pública.

1. Introdução

A raiva é uma doença conhecida há mais de quatro milênios e é considerada a primeira patologia transmitida de animais para seres humanos, especialmente por cães, com uma taxa de letalidade extremamente elevada, próxima de 100%. A convivência entre humanos e animais exige a adoção de comportamentos responsáveis, a fim de preservar o equilíbrio biológico entre as diferentes espécies (Schneider & Burgoa, 1994).

De acordo com Ribeiro e Brolio (2022), o convívio entre seres humanos e animais tem crescido cada vez mais no decorrer do tempo, causando um enorme interesse para a saúde pública e para a medicina veterinária preventiva e comunitária. Sabendo que diversas doenças zoonóticas podem ser transmitidas dos animais para os seres humanos, já que eles atuam como hospedeiros importantes de agentes etiológicos de diversas patologias, o conhecimento e a prevenção tornam-se extremamente necessários. Esse tipo de conscientização é fundamental, visto que estudos recentes, como o de Lovadini et al. (2022), apontam falhas na comunicação entre os serviços de saúde e a população, principalmente quanto à profilaxia pós-exposição e à importância das campanhas de vacinação.

Silva et al. (2021) descrevem que, essa patologia é uma zoonose de alta transmissão virótica ocorrendo pela penetração no organismo através de mordeduras, arranhaduras ou lambeduras pelo vírus *Lyssavirus* que pertence à família *Rhabdoviridae*. De modo semelhante, Santos, Pereira e Alves (2024) ressaltam que, apesar dos avanços na vigilância epidemiológica, a raiva animal ainda representa um desafio sanitário, sobretudo nas regiões com menor cobertura vacinal.

Jericó et al. (2015, p. 2369) relata que o vírus da raiva, identificado pela sigla RABV (rabies vírus), ao infectar carnívoros domésticos, desencadeia alterações comportamentais significativas, como intensificação da agressividade, evoluindo posteriormente para paralisia e óbito. O período de incubação da infecção é variável, dependendo de fatores como o local de penetração do agente viral, a virulência da cepa envolvida e a condição imunológica do hospedeiro.

Por esses motivos, é extremamente necessário a adoção de políticas de educação ambiental, que levem a população de forma mais didática possível o conhecimento sobre os riscos dessa zoonose e as formas de cuidados e prevenções necessárias. Entre os anos 2000 e janeiro de 2025, o cenário epidemiológico da raiva humana no Brasil passou por mudanças expressivas. A incidência de casos relacionados à transmissão por cães caracterizada como o ciclo urbano da doença apresentou uma queda acentuada, resultado das ações eficazes de controle da raiva canina e da implementação adequada de medidas profiláticas antirrábicas voltadas à população (Ministério da Saúde, 2025).

Casos recentes em áreas rurais e indígenas reforçam a importância da vigilância contínua. Tolentino Júnior et al. (2023) relataram o primeiro surto de raiva em crianças de uma aldeia indígena no Brasil, destacando a vulnerabilidade de comunidades isoladas. Do mesmo modo, Ferreira-Machado et al. (2023) documentaram infecção natural por raiva em gambás, evidenciando a persistência do vírus no ambiente silvestre.

Os registros mais recentes de raiva humana decorrente da transmissão por cães ocorreram em 2013, no estado do Maranhão, e em 2015, no Mato Grosso do Sul, ambos envolvendo variantes virais caninas (AgV1/AgV2). Desde então, o

Brasil permanece por quase uma década sem notificações desse tipo de caso, ultrapassando o período mínimo de cinco anos estipulado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para a certificação de áreas livres de raiva transmitida por cães (Ministério da Saúde, 2025). Entretanto, Menezes Filho e Ventura (2023) destacam que, embora a transmissão por cães tenha diminuído, casos esporádicos de transmissão por morcegos e animais de produção ainda são registrados, sendo totalizado 21 casos em humanos, de 2015 a 2019, Segundo Oliveira et al. (2021).

Este estudo teve como propósito investigar a compreensão da população de Cacoal-RO a respeito da raiva, buscando levantar informações sobre o conhecimento básico da população acerca da enfermidade.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa mista: em parte, uma investigação social envolvendo entrevistados, parte num estudo de campo de caráter quantitativo (Pereira et al., 2018) com uso de estatística descritiva simples com gráficos de setores, classes de dados por bairros, faixa etária, nível de escolaridade, quantidade de animais em casa, e etc (Tópico 2.2), valores de frequência absoluta e frequência relativa porcentual (Shitsuka et al., 2014), a fim de indicar o conhecimento da população do município de Cacoal - Rondônia, sobre a raiva animal, bem como seu controle, cuidados e prevenções. As 55 pessoas entrevistadas foram selecionadas aleatoriamente nos bairros sorteados (Quadro 1), entre os meses de setembro a outubro de 2025, onde foram abordadas em suas residências e convidados a responderem o questionário contendo 20 questões fechadas de característica quantitativa, abordando. Nome, idade dos participantes, nível de escolaridade, quantidade de animais na residência, espécies, frequência de consultas veterinárias, conhecimento sobre a raiva animal, agente causador e formas de prevenção com ênfase na vacinação antirrábica.

Foram entrevistadas pessoas de ambos os sexos, maiores de idade, residentes nos bairros sorteados, e que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Foram excluídos aqueles que não concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou que apresentaram dificuldades cognitivas para responder ao questionário.

A metodologia adotada neste trabalho segue o mesmo princípio de outros estudos voltados à avaliação do conhecimento e das práticas da população em relação à raiva. Duarte et al. (2021), por exemplo, aplicaram questionários estruturados em comunidades de risco no Ceará, utilizando perguntas de múltipla escolha para avaliar atitudes preventivas e percepção sobre a doença. De forma semelhante, Lovadini et al. (2022) realizaram entrevistas em Unidades Básicas de Saúde no Brasil, com foco no conhecimento dos profissionais e usuários sobre profilaxia e vacinação antirrábica. Corrêa da Costa e Barroncas Fernandes (2016) também empregaram questionários padronizados em comunidades rurais da Amazônia, obtendo resultados que indicaram lacunas de informação semelhantes às encontradas neste estudo.

Essa abordagem quantitativa, por meio de questionários aplicados diretamente à população, tem sido amplamente utilizada por pesquisas recentes (Lima, Gomes e Batista, 2022; Oliveira do Rêgo et al., 2022) devido à sua eficácia em mensurar o nível de conhecimento e as práticas associadas à prevenção da raiva em diferentes contextos socioculturais. Assim, o presente estudo buscou seguir a mesma estrutura metodológica para garantir comparabilidade com as investigações anteriores e contribuir para o panorama nacional de percepção pública sobre essa zoonose.

Quadro 1 – Distribuição dos bairros sorteados e respectivos números de entrevistados no estudo sobre a compreensão da população a respeito da raiva animal no município de Cacoal, Rondônia, Brasil.

Bairros sorteados:	Número de entrevistados:
Jardim Europa	11
Parque Fortaleza	11
Parque dos Lagos	11
Sete de Setembro	11
Morada do Bosque	11

Fonte: Elaborado pelos Autores (2025).

2.1 Análise de dados

A entrevista foi realizada de modo presencial, onde os participantes responderam as questões elaboradas na plataforma Google Forms®, e posteriormente os dados foram tabulados utilizando-se os gráficos gerados pelo próprio site e analisados de forma descritiva.

2.2 Questionário

Nome?

Idade?

Nível de escolaridade?

- ☐ Superior completo
- ☐ Superior incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Lê e escreve
- ☐ Analfabeto

Número de animais na residência?

- ☐ Um
- ☐ Dois
- ☐ Três
- ☐ Quatro
- ☐ Cinco ou mais

Espécie?

- ☐ Canino
- ☐ Felino
- ☐ Ambos

Você já ouviu falar sobre a raiva animal?

- ☐ Sim
- ☐ Não

A raiva é causada por qual tipo de agente?

- ☐ Bactéria
- ☐ Vírus
- ☐ Fungos
- ☐ Não sei

Você considera a raiva uma doença grave?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

A raiva pode ser transmitida de animais para humanos?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Qual das opções abaixo representa uma forma de transmissão da raiva?

- ☐ Contato com fezes
- ☐ Mordida ou arranhão de animal infectado
- ☐ Água contaminada
- ☐ Não sei

Você sabe quais animais podem transmitir a raiva?

- ☐ Apenas cães e gatos
- ☐ Cães, gatos, morcegos e outros mamíferos
- ☐ Apenas animais silvestres
- ☐ Não sei

Quais sintomas podem indicar um caso de raiva em animais?

- ☐ Apatia e perda de apetite
- ☐ Agressividade e salivação excessiva
- ☐ Queda de pelos
- ☐ Não sei

Você sabe que existe vacina antirrábica para animais domésticos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Com que frequência os animais domésticos devem ser vacinados contra a raiva?

- ☐ Apenas uma vez na vida
- ☐ A cada 5 anos
- ☐ Anualmente
- ☐ Não sei

Você já vacinou seu animal de estimação contra a raiva?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não possuo animal

Você sabe que existe tratamento preventivo (profilaxia) para humanos após contato com animal suspeito?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você levaria um animal que mordeu alguém para observação veterinária?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei o que fazer

Caso presencie um morcego caído em local público, o que você faria?

- ☐ Encostaria para verificar se está vivo
- ☐ Comunicaria à vigilância sanitária ou zoonoses
- ☐ Ignoraria
- ☐ Não sei

Você conhece campanhas públicas de vacinação antirrábica em sua cidade?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você se considera bem informado(a) sobre a raiva animal?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não

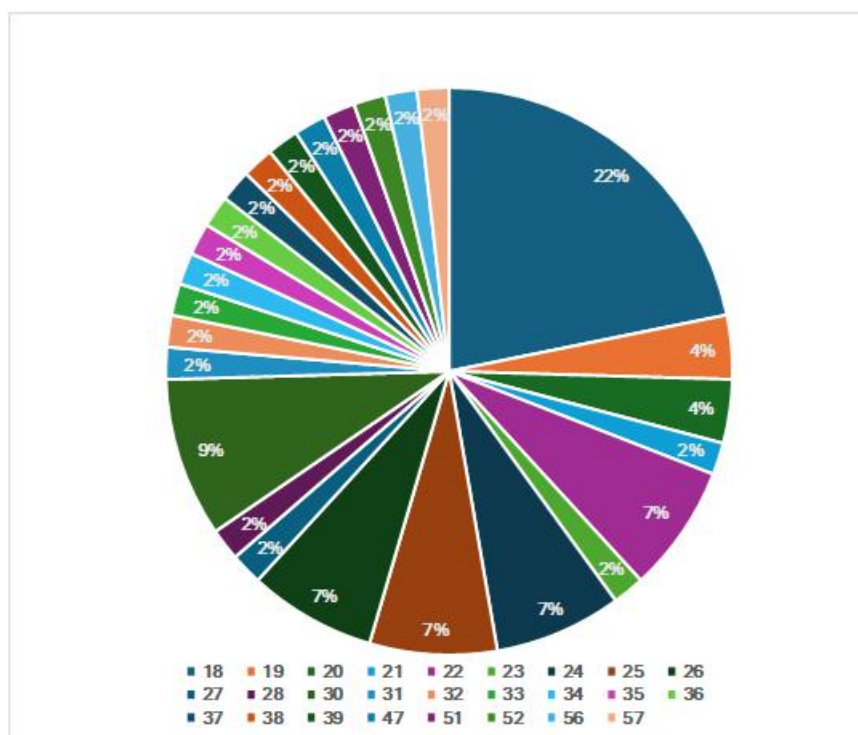
2.3 Aspectos Éticos

A pesquisa foi protocolada na Plataforma Brasil e encontra-se em fase de análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa, aguardando a emissão do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE). Considerando que o parecer ainda não foi disponibilizado, adotou-se como medida ética provisória a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por todos os participantes. Os TCLEs, contendo as informações sobre objetivos, riscos, benefícios e voluntariedade da participação, encontram-se anexados a este estudo. Todos os procedimentos realizados seguiram os princípios éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 466/12.

3. Resultados e Discussão

Foram obtidos e analisados 55 questionários através do Google Forms®, que foram respondidos por parte da população do município de Cacoal-RO, no período de setembro a outubro de 2025, dos quais 70,91% eram do sexo feminino e 29,09% do sexo masculino. A respeito da faixa etária da população entrevistada, representado no (Gráfico 1), 55% possuíam entre 18 a 25 anos, 28% possuíam de 26 a 34 e 20% possuíam de 35 a 57 anos. Referente ao nível de escolaridade, 36,4% possuem o ensino médio completo, 23,6% o superior incompleto, 20% o ensino médio incompleto, 18,2% o superior completo e 1,8% o ensino fundamental completo.

Gráfico 1 - Distribuição da faixa etária dos entrevistados no estudo sobre a compreensão da população a respeito da raiva animal no município de Cacoal Rondônia, Brasil.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2025).

A respeito da quantidade de animais por residência, 28% possuíam dois, 24% um, 22% três, 20% cinco ou mais e 6% quatro. Em relação a espécie, 52% eram tutores de cães, 10% de gatos e 38% possuíam ambos. A expressiva quantidade de participantes que declararam ter cães e gatos como animais de companhia, observada neste estudo, evidencia o vínculo social e afetivo estreito existente entre o ser humano e essas espécies (Ribeiro; Brolio, 2022). Segundo Oliveira (2018), em razão do fortalecimento dessa convivência, a interação entre pessoas e animais passou a ter grande importância para a saúde pública, considerando que estes podem atuar como potenciais transmissores de agentes infecciosos, como as zoonoses de origem animal que podem afetar o homem.

Quando questionados se já ouviram falar sobre a raiva animal, 100% dos participantes afirmaram que sim. Em um estudo realizado por Costa (2019), abordando a percepção da população sobre zoonoses no estado da Paraíba, a raiva foi a doença mais citada pelos participantes como sendo uma zoonose, sendo relatada por 84,5% dos entrevistados.

Quanto à raiva ser causada por qual agente etiológico (Quadro 2), 81,8% afirmaram ser por vírus, 7,3% disseram ser uma bactéria e 10,9% não sabiam o que dizer. Foi perguntado se a população considerava a raiva uma doença grave ou não, sendo que 100% responderam que sim, indicando que a população tem noção do quão perigosa e letal essa doença é para os animais e seres humanos.

Quadro 2 – Porcentagem das respostas dos entrevistados ao serem questionados sobre qual o agente responsável pela transmissão da raiva no estudo sobre a compreensão da população a respeito da raiva animal no município de Cacoal, Rondônia, Brasil.

Agente causador:	Frequência:
Vírus	81,8%
Bactéria	7,3%
Não sei	10,9%

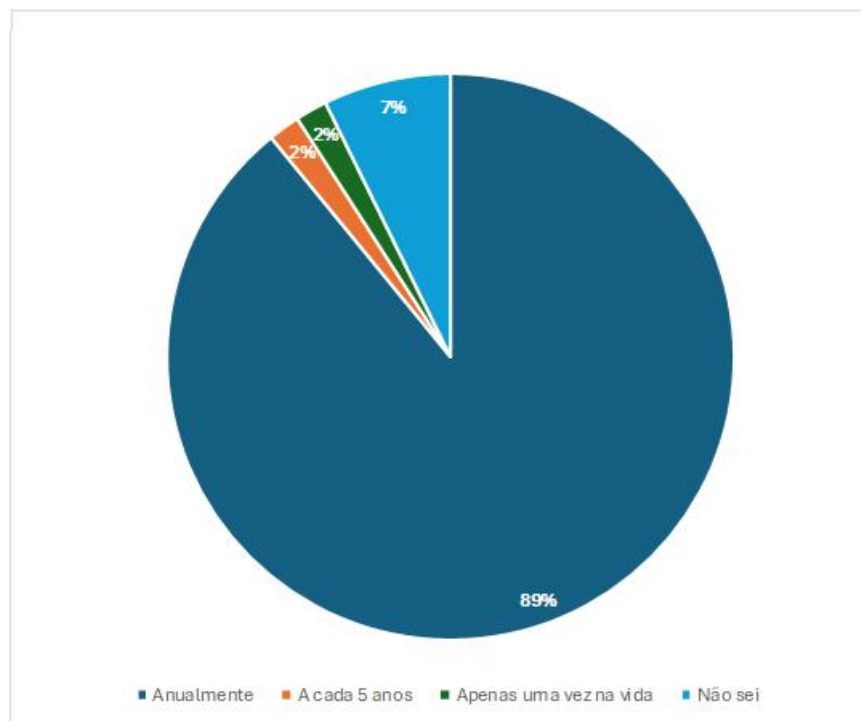
Fonte: Elaborado pelos Autores (2025).

Sobre a raiva ser uma zoonose transmitida de animais para humanos, 90,9% responderam que sim, 7,3% disseram não saber e 1,8% disse que não é transmitida. Em um estudo realizado por Ribeiro e Brolio (2022), sobre percepção da população com relação a raiva animal no estado do Amazonas, em que 87 pessoas foram questionadas se sabiam o que são zoonoses, 68% responderam que sim, porém, 39% destes, souberam definir corretamente o termo. Referente a forma de transmissão, 96,4% responderam corretamente que ocorre devido a mordidas ou arranhões de animais infectados, e 3,6% não souberam responder.

Em relação a quais animais podem transmitir a raiva, 92,7% dos entrevistados responderam corretamente que, cães, gatos, morcegos e outros mamíferos podem transmitir o vírus, 3,6% disseram que apenas cães e gatos são os responsáveis pela disseminação da doença, e 3,6% disseram não saber. Sobre os sintomas apresentados, 95% disseram agressividade e salivação excessiva, 1,8% responderam a apatia e perda de apetite e 3,6% não souberam responder.

Quando questionados sobre a existência da vacina antirrábica, 96,4% afirmaram ter conhecimento e 3,6% disseram que desconhecem. Em relação a frequência em que os animais domésticos devem ser vacinados contra a raiva (Gráfico 2), 89% responderam corretamente que devem ser vacinados anualmente, 2% disseram ser a cada cinco anos, 2% responderam que seria apenas uma vez na vida e 7% não souberam responder. Sobre vacinar ou não seus animais de estimação, 94% afirmaram que vacinam e 6% disseram que não, Ribeiro e Brolio (2022) conseguiram resultados parecido em seu estudo, em que 86% dos entrevistados, afirmaram ter ciência que a vacina antirrábica é um método de prevenção indispensável para a doença, em contra partida, 22% disseram não realizar o reforço anualmente e/ou nunca realizaram a imunização.

Gráfico 2 - Porcentagem das respostas dos entrevistados referente a frequência com que os animais devem ser vacinados contra a raiva no estudo sobre a compreensão da população a respeito da raiva animal no município de Cacoal, Rondônia, Brasil.



Fonte: Elaborado pelos Autores (2025).

Esse resultado segue o padrão observado em estudos de Lima, Gomes e Batista (2022) e Lovadini et al. (2022), que mostraram alta adesão à vacinação anual, mas ainda presença de negligência em parte da população, atribuída à falta de campanhas educativas. A campanha de vacinação antirrábica realizada anualmente no município, é de extrema importância para garantir o controle dessa zoonose, por esse motivo é importante que os tutores levem seus animais anualmente para a imunização, porém a divulgação dessas campanhas não é eficiente, e algumas pessoas desconhecem sua existência. Dos entrevistados 89,1% afirmaram possuir conhecimento sobre a campanha e 10,9% disseram que desconhecem.

Apesar de 100% dos entrevistados afirmarem que a raiva é uma doença letal para os animais e humanos, nota-se que algumas pessoas, apesar de conhecerem as campanhas de vacinação pública, não se prontificam a levar seus animais. Segundo Moriwaki et al. (2013, p. 429), “a raiva humana transmitida por cães é considerada uma doença negligenciada, passível de ser eliminada através de uma série de estratégias como a vacinação canina, profilaxia pré e pós-exposição”. Sabendo da importância da profilaxia em casos de contaminação pelo vírus da raiva, a população foi questionada se sabiam ou não sobre sua existência, os resultados foram, 63,6% disseram que sim e 36,4% disseram que não. Ao serem questionados se levariam ou não seu animal de estimação para observação veterinária, caso o mesmo mordesse alguém, 70,9% afirmaram que sim, 7,3% disseram que não levariam e 21,8% disseram não saber o que fazer nessa situação.

De acordo com Carneiro et al. (2009, p. 449), “os morcegos, responsáveis pelo ciclo aéreo da doença, têm apresentado grande importância epidemiológica, pois alguns exemplares estão sendo encontrados em grandes centros urbanos albergando o vírus nas fezes, urina e glândulas salivares, permitindo sua disseminação via mordedura”. O morcego acometido pelo vírus da raiva, apresenta mudanças em seu comportamento, tornando-se desorientado e com hábitos alterados. Caso seja observado um morcego, vivo ou morto, em situações incomuns, como durante o dia, caído no chão ou

pendurado em locais atípicos, como janelas e cortinas há a possibilidade de que esteja infectado. Foi perguntado, o que as pessoas fariam se caso presenciasse um morcego caído em suas residências ou locais públicos, 50,9% comunicariam à vigilância sanitária e zoonoses, 41,8% simplesmente ignoraria, 7,3% disseram não saber o que fazer, o que reforça a importância do conhecimento comunitário sobre o papel dos vetores silvestres, como descrito por Ferreira-Machado et al. (2023).

Sobre estar bem informado sobre a raiva, 45,5% responderam que sim, 49,1% disseram estar parcialmente informados e 3,5% disseram que não. Com base nas respostas dos questionários, percebe-se que indivíduos com menor nível de escolaridade como, ensino médio incompleto, demonstram conhecimento limitado sobre essa zoonose, como formas de transmissão, profilaxia e agente etiológico. Diante disso, torna-se essencial que esse assunto seja introduzido de maneira mais precoce no ambiente escolar, por meio de ações educativas que promovam a conscientização das crianças desde cedo (Sampaio, 2014).

4. Conclusão

A raiva é uma zoonose de extrema importância epidemiológica, tendo em vista o seu alto grau de letalidade, sendo fatal para humanos e animais. Através da realização deste trabalho, foi possível observar que a maioria da população tem conhecimento e se dispõem a seguir rigorosamente as medidas de prevenção. Porém, ainda há uma parcela da população que desconhece esse perigo, como foi observado nos entrevistados que possuíam um baixo nível de escolaridade. Ou que conhecem, mas simplesmente não se dispõem a seguir as medidas de prevenção, como, levar o animal para receber a dose da vacina nas campanhas públicas, ou por não saberem que elas estão ocorrendo, por falta de divulgação, tal conduta coloca em risco toda a sociedade. Como apontam Santos, Pereira e Alves (2024), o controle da raiva depende não apenas da vacinação, mas também da manutenção de programas permanentes de educação sanitária.

Com esse trabalho, também foi possível observar que, grande parte dos entrevistados não se consideram informados sobre essa zoonose ou, se consideram parcialmente informados, tornando-se necessário ações de conscientização da população de forma mais precoce, como no ambiente escolar, reforçando os achados de outros autores (Lima et al., 2022; Duarte et al., 2021), que indicam a necessidade de ampliar a educação em saúde para alcançar a totalidade da população, especialmente nas regiões mais periféricas e rurais.

Referências

- Brasil. (2025). Raiva humana. Portal Gov.br. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado em 3 de maio de 2025, de <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva/raiva-humana>
- Carneiro, N. F. de F., Caldeira, A. P., Antunes, L. A., Carneiro, V. F., & Carneiro, G. F. (2009). Raiva em morcegos *Artibeus lituratus* em Montes Claros, Estado de Minas Gerais. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 42(4), 449–451 <https://doi.org/10.1590/S0037-86822009000400017>.
- Costa, L. J. C., & Fernandes, M. E. B. (2016). Rabies: Knowledge and practices regarding rabies in rural communities of the Brazilian Amazon Basin. *PLOS Neglected Tropical Diseases*, 10(2), e0004474. <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0004474>.
- Costa, D. I. da. (2019). Percepção e atitudes da população paraibana sobre zoonoses [Monografia de graduação, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14966>.
- Dias de Oliveira, I., Pereira Rodrigues, A. E., Parreira Vaz, G., Leal Costa Moura, G., & Leite Bitencourt, E. (2021). Perfil epidemiológico da raiva no Brasil de 2010 a 2019. *Revista de Patologia do Tocantins*, 7(4), 42–46. <https://doi.org/10.20873/ufp.2446-6492.2020v7n4p42>.
- Duarte, N. F. H., Barbosa, P. P. L., Araújo, D. B., Favoretto, S. R., Romijn, P. C., Neres, R. W. P., Varela, R. H., Oliveira, W. F., Alencar, C. H., & Heukelbach, J. (2021). Knowledge, attitudes and practices regarding sylvatic rabies among high-risk households in Ceará State, Brazil. *Tropical Medicine and Infectious Disease*, 6(4), 209. <https://doi.org/10.3390/tropicalmed6040209>.
- Ferreira-Machado, E., Conselheiro, J. A., da Silva, B. E. B., Matsumoto, P. S. S., Castagna, C. L., Nitsche, A., Lima, C. S., Presotto, D., Evedosa, T. B., Navas-Suárez, P. E., Paixão de Jesus, I., Carvalho, J., Ressio, R. A., Cirqueira, C. dos S., Barone, G. T., Castillo Saad, L. del, Brandão, P. E., Catão-Dias, J. L., Guerra, J. M., & Fernandes, N. C. C. A. (2023). Naturally acquired rabies in white-eared opossum, Brazil. *Emerging Infectious Diseases*, 29(12), 2541–2543. <https://doi.org/10.3201/eid2912.230373>.

- Jericó, M. M., Neto, J. P. de A., & Kogika, M. M. (2015). Tratado de medicina interna de cães e gatos (1ª ed.). Rio de Janeiro: Roca.
- Lima, C. S., Gomes, F. R., & Batista, L. A. (2022). Avaliação do conhecimento da população sobre raiva e medidas de prevenção em municípios do Nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 12(2), 85–92.
- Lovadini, V. de L., Lorena, L. L. G., da Silva Lacerda, J., Araujo, M. J., & Marinho, M. (2022). Knowledge and practices about rabies at Basic Health Units in Brazil. *Research, Society and Development*, 11(1), e54611125421. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i1.25421>.
- Menezes Filho, A. C. P., & Ventura, M. V. A. (2022). Rabies virus (RABV): Cases of RABV transmission in humans registered in Brazil. *Brazilian Journal of Science*, 1(10), 30–33. <https://doi.org/10.14295/bjs.v1i10.175>.
- Moriwaki, A. M., Masukawa, M. de L. T., Uchimura, N. S., Santana, R. G., & Uchimura, T. T. (2013). Avaliação da profilaxia no primeiro atendimento pós-exposição ao vírus da raiva. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(5), 428–435. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000500009>
- Rêgo, A. G. de O., Rodrigues, D. dos S., Farias, C. K. da S., Vieira, A. M., Franco, L. de O., Maia, R. de C. C., & Alves, L. C. (2022). Perfil epidemiológico dos atendimentos antirrábicos pós-exposição procedentes de agressões por animais silvestres em Pernambuco, Brasil [Epidemiological profile of anti-rabies post-exposure care from wild animals' aggressions in Pernambuco, Brazil]. *Research, Society and Development*, 11(10), e200111032593. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32593>.
- Oliveira-Neto, R. R. de, Souza, V. F. de, Carvalho, P. F. G., & Frias, D. F. R. (2018). Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses [Level of knowledge on zoonoses in dog and cat owners]. *Revista de Salud Pública*, 20(2), 198–203. <https://doi.org/10.15446/rsap.V20n2.68155>.
- Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.
- Ribeiro, B. C. da, & Brolio, M. P. (2022). Tópicos em ciência animal: Volume 2 (1ª ed.). Belo Horizonte: Poisson. Disponível em https://poisson.com.br/livros/individuais/Ciencia_Animal/volume2/Ciencia_Animal_Vol2.pdf.
- Santos, R. P., Pereira, T. M., & Alves, D. F. (2024). Raiva animal no Brasil: panorama epidemiológico e desafios para o controle. *Revista Brasileira de Ciência Veterinária*, 31(3).
- Sampaio, A. B. (2014). Percepção da população do município de Cruz Alta (RS) sobre zoonoses transmitidas por cães e gatos [Perception of Cruz Alta (RS) population on zoonoses transmitted by dogs and cats]. *Acta Veterinaria Brasilica*, 8(3), 179–185. Disponível em <https://periodicos.ufersa.edu.br/acta/article/download/3588/5582/15732>.
- Schneider, M. C., & Santos-Burgoa, C. (1994). Tratamiento contra la rabia humana: un poco de su historia. *Revista de Saúde Pública*, 28(6), 454–463. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101994000600011>.
- Shitsuka, R. et al. (2014). Matemática fundamental para a tecnologia. (2ed). Editora Érica.
- Silva, J. E. A., Santos, C. S. dos, Divino, D. S. do A., Donon, J. B., Ferreira, M. E. de A., Gonçalves, N. B., Cobo, P. R., Oliveira, T. A. da S., Reis, T. M. dos, Souza, V. P. dos S., & Mendes, W. A. (2021). Raiva em cães e gatos no Brasil: análise descritiva. *PubVet*, 15(10), 1–5. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n10a945.1-5>.
- Tolentino Júnior, D. S., Marques, M. S. V., Krummenauer, A., Duarte, M. M. S., Rocha, S. M., Brito, M. G. de, Santana, L. F. de, Oliveira, R. C. de, Assis, E. M. de, Cavalcante, K. K. de S., & Alencar, C. H. (2023). Rabies outbreak in Brazil: First case series in children from an indigenous village. *Infectious Diseases of Poverty*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/s40249-023-01130-y>.